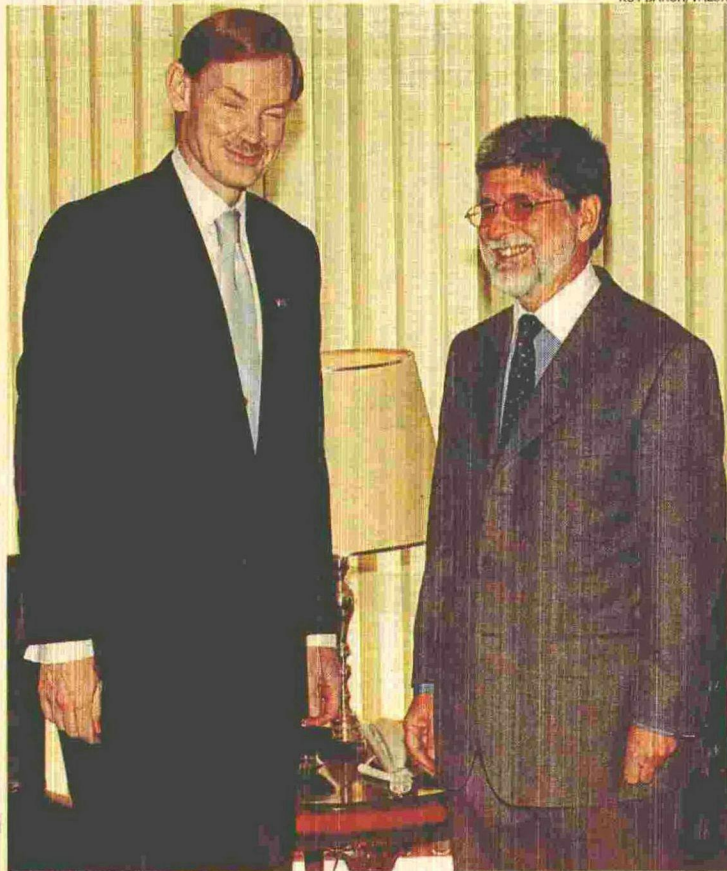


Vitória na OMC gera mais resistência a concessões na Alca



RUY BARON/VALOR

Sergio Leo
De Brasília

As reações negativas do setor privado e dos políticos norte-americanos à decisão preliminar da OMC favorável ao Brasil na disputa contra os subsídios dos Estados Unidos ao algodão criaram um complicador adicional à retomada das discussões da Área de Livre Comércio das Américas (Alca), que se inicia hoje, com um encontro entre os dois co-presidentes das negociações, o norte-americano Peter Allgeier e o brasileiro Adhemar Bahadrian, e os chefes dos negociadores dos EUA, Ross Wilson, e do Mercosul, Martín Redrado.

Segundo um integrante da Representação Comercial dos Estados Unidos (USTR, na sigla em inglês), que funciona como um ministério do Comércio Exterior no país, aumentaram as resistências internas nos Estados Unidos a concessões ao Brasil nas negociações da Alca. É nesse clima que as autoridades brasileiras e norte-americanas devem tentar, hoje,

encontrar um caminho comum para as negociações que deveriam terminar no fim deste ano, após uma reunião de ministros dos 34 países da região, a ser realizada no Brasil.

Bahadrian e Allgeier tiveram encontro preliminar, na quinta-feira, mas, segundo o negociador brasileiro, não chegaram a entrar nos detalhes das negociações. “Falamos de assuntos administrativos da negociação. Nesta segunda-feira teremos maior clareza sobre o que fazer na Alca.”

A decisão preliminar da OMC, que ordenou a remoção, em seis meses, de subsídios à produção norte-americana de algodão, acusada de deprimir artificialmente preços, despertou críticas no Congresso e no setor privado norte-americanos, contra a interferência da organização na soberania nacional. Por pressão dos parceiros do Brasil no Mercosul, Argentina e Uruguai, os subsídios norte-americanos tornaram-se tema crítico nas negociações da Alca. A presença de Redrado na reunião, além de sinal

da atenção dada pelo Brasil ao Mercosul, é uma forma de tratar desse problema com um dos principais países interessados.

Uma troca de cartas entre o ministro das Relações Exteriores brasileiro, Celso Amorim, e do representante comercial dos EUA, Robert Zoellick, abriu caminho para a reunião de hoje, e aumentou as expectativas do setor privado brasileiro, que já começava a apostar no fracasso das negociações. Por falta de sinais positivos mais claros do governo brasileiro, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) cancelou reunião marcada com empresários dos outros países negociadores da Alca, para preparar o Fórum Empresarial que sempre se realiza paralelamente às reuniões de ministros. Há previsão de uma reunião preparatória para junho, mas os empresários brasileiros têm notado um esfriamento no ânimo dos representantes do setor privado dos EUA.

“Se o problema fosse só o Brasil, os EUA estariam fazendo

pressão sobre os outros países, mas não é isso o que está acontecendo”, comenta o diretor-executivo da CNI, José Augusto Fernandes. “O ideal para nós é a estratégia de três frentes, na Alca, no acordo entre União Europeia e Mercosul e na Organização Mundial do Comércio”, diz.

Após o impasse das negociações da OMC, em Cancún, em 2003, e a decisão de reduzir as ambições da Alca, em Miami, também no ano passado, os EUA passaram a perseguir uma política de acordos bilaterais de livre comércio. Nas Américas, onde seu mais antigo acordo de livre comércio é o Nafta, com o Canadá e o México, já fecharam acordos com Chile e um grupo de países da América Central e iniciaram negociações com a Colômbia e o Peru, com a possibilidade de extensão ao Equador e Bolívia. O Brasil também fechou tratados de livre comércio na região, o último deles com Venezuela, Colômbia e Equador, os únicos países andinos que ainda não haviam aceitado um acordo.

Robert Zoellick e Celso Amorim: troca de correspondência viabiliza reunião